



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III, GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ MARIO AMARANTE MARTINS

**IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE
BELÉM - PB (1871-1989)**

Guarabira – PB

Maio, 2016 JOSÉ MARIO AMARANTE MARTINS

**IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE
BELÉM - PB (1871-1989)**

Trabalho de Conclusão de Curso na
Graduação em Licenciatura Plena em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para à obtenção do
título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

**Guarabira - PB
Maio, 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M123i Martins, José Mario Amarante
Igreja Nossa Senhora da Conceição Patrimônio histórico de Belém-PB (1871-1989) [manuscrito] / Jose Mario Amarante Martins. - 2016.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de Humanidades".

1. História. 2. Arquitetura. 3. Religião. 4. Patrimônio. I.
Título.

21. ed. CDD 981

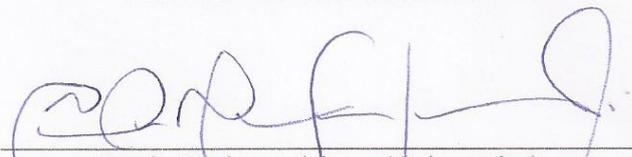
JOSE MARIO AMARANTE MARTINS

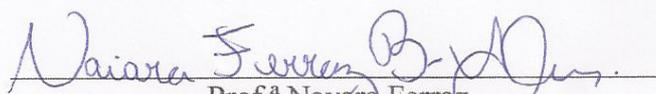
IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PÁTRIMÔNIO HISTÓRICO DE BLÉM
– PB (1871-1989)

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 19/05/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Carlos Adriano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Nayara Ferraz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Mônica de Fátima Guedes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A família (pai, mãe, irmãs, esposa e filha) e aos
colegas e professores, pelo incentivo e ajuda,
DEDICO.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PATRIMONIO HISTÓRICO DE
BELÉM- PB (1871 - 1989)

José Mario Amarante Martins

RESUMO

Para a realização do presente artigo, a cerca da Igreja Nossa Senhora da Conceição, utilizamos a história oral como principal fonte histórica, este trabalho é uma tentativa de documentar a história do patrimônio cultural (a Igreja da Conceição), elucidando sua relação com desenvolvimento da cidade evitando que a história de sua origem e consequentemente da origem do município de Belém sejam esquecidas. Trabalhamos com as fontes orais e a importância de documentar o patrimônio apoiados em Alistair Thomson, Phelippe Joutard, Paul Thompsom. Escolheu-se um recorte temporal, entre os anos de 1871, data da doação das terras do povoado para a Igreja e o ano de 1989, ano da construção de uma nova igreja (Sagrada Família) onde acontece uma descentralização das atividades religiosas na Igreja da Conceição. Traçaremos um pequeno histórico da Igreja; como foi o processo de sua construção e os principais agentes envolvidos no erguimento do templo. Esse artigo é ainda um dos primeiros trabalhos a fazer um estudo mais detalhado sobre a arquitetura da Igreja, analisando elementos que a caracterizam como estilo artístico Neoclássico; para isso nos apoiaremos na obra **História da Arte** de Graça Proença. Por fim, demonstrara que o que faz com que esse templo seja considerado um patrimônio histórico e cultural, vai além de sua estrutura física e de sua arquitetura rebuscada; nesse aspecto frisamos a contribuição de Natália Brayner, Abreu e Chagas (2009)

Palavras - chave: História, Arquitetura, Religião e Patrimônio.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE BELÉM- PB (1871 – 1989)

A historiografia acerca da cidade de Belém, tendo em vista a escassez de fontes documentais escritas ou a indisponibilidade destas, é baseada quase completamente na oralidade, o uso das fontes documentais primárias ainda é pouco explorado, isto é, grande parte do que se escreveu sobre a história – principalmente sobre aspectos da cultura – da cidade toma como base depoimentos dos seus primeiros moradores. Por esse motivo, na histórica sobre a Igreja Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, não vai ser diferente; utilizaremos depoimentos de fieis, pessoas que participaram do cotidiano da Igreja; que conviveram com aqueles que ajudaram a edificar não só o monumento físico como também uma comunidade religiosa, em torno da qual se desenvolve uma sociedade envolvida nas suas atividades e em seus ritos, marcando de maneira importante a vida de muitas pessoas.

Ao falar do surgimento da história oral e a importância desta para civilizações iletradas; Paul Thompson ressalta a necessidade que temos atualmente de documentar essa oralidade para que a história não caia no esquecimento sendo enterradas junto com aqueles que a guarda em sua memória:

As pessoas ainda se lembram de rituais, nomes, canções, histórias, habilidades; mas agora é o documento que se mantém como autoridade final e como garantia de transmissão para o futuro. Em consequência, exatamente aquelas tradições orais públicas e de longo prazo, outrora as de maior prestígio, é que se tem mostrado mais vulneráveis. Em contraposição, a reminiscência pessoal e as tradições particulares das famílias, que raramente são postas no papel – exatamente porque a maioria das pessoas não as considera importante para os outros –, e que se tornaram o tipo padrão de evidência oral. (THOMPSON, 1992, p.50)

A história oral vem ganhando grande reconhecimento dos pesquisadores no meio acadêmico; a fonte oral possui hoje seu espaço no universo da pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento. Esta é uma constatação de Phelippe Joutard (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000), ao falar da importância de evitar que a história oral perca a vitalidade e seja banalizada, expõe características fundamentais das pesquisas baseadas em fontes orais:

(...) é preciso saber respeitar três fidelidades à inspiração original: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer

dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar as situações de extremo abandono. (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.33)

Phelippe Joutard expõe características fundamentais das fontes orais, características cujas fontes documentais encontram limites; dar voz aos excluídos, isto é, aqueles que não tem a sua ótica dos fatos contemplada nos documentos, possibilitando assim uma história vinda de baixo; ter acesso a detalhes que raramente poderíamos encontrar em documentos escritos, mesmo que sejam cartas ou memórias, na escrita as palavras são muito selecionadas e muitos detalhes são julgados “insignificantes”, sem relevância ou impossíveis de se transmitir na escrita, no depoimento oral esses detalhes vêm a tona e podem ser explorados pelos historiadores.

Porém, Phelippe Joutard reconhece que nas fontes orais existem limitações: “(...) sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito” (FERREIRA FERNANDES, e ALBERTI orgs.,2000, p.34). Contudo, as fontes orais são úteis para os historiadores mesmo quando se deparam com as variações, deformações, equívocos e tendem para a lenda e o mito; “Elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz e são evidência de que agimos muito mais em função dessas representações do real que do próprio real” (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.34). Os mitos, as lendas e “rumores” também influenciam nas ações das pessoas.

Sendo assim, este estudo se trata de uma produção acerca de uma Igreja que teve papel fundamental para a história do município; já que estava localizada no cruzamento das duas primeiras ruas – Rua da Empresa, hoje chamada Deocleciano Guedes e a Rua do Paraguai, hoje chamada de Flavio Ribeiro –, que formavam uma cruz, ruas estas onde funcionavam comercio, festas, entre outros eventos; a cidade de Belém se expande ao redor dessa Igreja e se tornando parte da história de muitos dos primeiro habitantes de nossa cidade.

Auxiliados pelo Boletim Informativo “O Mensageiro”¹ da paróquia Sagrada Família – Belém – PB, publicado em Maio de 2011 e produzido pelo graduado em Geografia e graduando em História pela UEPB, Junior Miranda, podemos traçar uma breve história da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Ela esta localizada na Rua Flavio Ribeiro,

¹ O boletim informativo “O Mensageiro” foi criado pela paróquia Sagrada família da cidade de Belém; era publicado mensalmente com o objetivo de divulgar aos fieis informações relativas a comunidade católica do município como história de cada igreja, informações sobre o tempo litúrgico, principais eventos do mês, dicas de saúde entre outras informações julgadas importantes para a organização paroquial.

tem como data oficial de sua fundação o dia 22 de Fevereiro de 1934, data da conclusão do erguimento da torre do novo templo que durou mais de 20 anos para ficar pronto, depois de grandes reformas realizadas pelos padres Epitácio, pároco da cidade da Serra da Raiz, e pelo líder político local, Manoel Barbosa. A maior parte dos documentos relativos à Igreja da Conceição, desde sua construção até a data em que a comunidade de Belém passa a ser paróquia no ano de 1989, encontra-se nos arquivos das paróquias de Serra da Raiz e Pirpirituba, paróquias responsáveis pelas atividades religiosas do povoado no referido período.

Apesar da data oficial de fundação, acima citada, a Igreja da Conceição – não como se encontra hoje, mas enquanto espaço de orações e devoções – data de um período anterior, manifestada em uma singela capela de taipa. Por volta da metade do século XIX, um morador conhecido como José Pereira, constrói a referida capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, localizada ao lado direito da atual Igreja, com a frente voltada para o Leste. A Igreja que temos hoje começou a ser construída a partir da década de 1910, pela iniciativa de um morador conhecido por Traginin.

Essa construção contou com a participação fundamental dos populares moradores do povoado; estes, movidos pela fé e pela devoção, se uniram em verdadeiras romarias onde todos subiam e desciam “as ladeiras da Rua da Empresa”, para as proximidades da Pedra do Cordeiro² em busca de barro e pedra para realizar a construção do templo. A Igreja se configura então como um monumento histórico muito valioso principalmente para esses primeiros moradores, não só pela sua arquitetura rebuscada, ou por ser um local de devoção, mas por ser algo que construíram com as próprias mãos.

Como Belém era apenas um povoado, recebia a assistência religiosa de padres enviados pela Freguesia de Nosso Senhor do Bom Fim da Serra da Raiz: Padre Emidio Fernandes, sucedido pelo Padre José Tavares, cujo nome foi dado a uma rua próxima a Igreja, este que foi responsável pela oficialização da doação, à Igreja Católica, das terras onde se encontra a maior parte da zona urbana de Belém, essa doação, também segundo relatos de populares, teria sido feita em 1871 pelo morador Gregório Tomaz de Aquino; o

²A Pedra do Cordeiro é literalmente uma grande rocha pertencente ao município de Bananeiras, localiza próxima a fronteira entre as cidades de Belém e Bananeiras, bastante frequentada principalmente pela população belenense por estar mais próxima da área urbana da cidade, como também por visitantes, a Pedra possui um cruzeiro que originalmente foi colocado por Luis Zaquiell em homenagem a Jose Carlos Cruz (estudante de 14 anos) no ano de 1961. Quanto a nomeação de Pedra do Cordeiro acreditasse que tenha um sentido religioso, por ser uma monte alto propicio a oração; o nome está associado a pessoa de Jesus, que na fé católica e chamado de Cordeiro de Deus, porém a versão mais plausível seja que a pedra esta localiza dentro das delimitações da Fazenda Cordeiro do proprietário Ivo Pedrosa, que existia na época.

Padre Jose Tavares oficializa em cartório essa doação. O trecho abaixo faz parte da escritura de doação que encontra-se nos arquivos da Paróquia Sagrada Família na cidade de Belém:

Com as dimensões e limites seguintes: principiando da barra dois riachos que vem do Sítio do Tenente Luiz Francelino, e outro que vem do Olho d'agua de Pedro Ferrira em linha recta para o poente, até a baixinha da estrada entre a casa de Candido Baraxo e a casa que foi de Alferes Francisco Camilo: e dali em linha recta até o riacho picada, e descendo por esse ate a casa de Gevarsio de tal, e dahi em linha recta para o nascente a passar a Alagoinha do Lagedo grande até o riacho que vem do sítio do mesmo Tenente Luiz Francelino, e por ele acima até o mesmo ponto da barra dos dois riachos. (Joel Batista da Fonseca e tabelião e Official do Registro de Imóveis do Termo de Guarabira, 1935)

Neste trabalho utilizamos entrevistas, para construir a história da igreja e defender sua influencia no desenvolvimento da cidade. Em algumas entrevistas, aos moradores mais antigos, filhos dos primeiros moradores, do então povoado, tive a oportunidade de participar, inclusive de questionar os entrevistados mesmo que de maneira premeditada; preparada. Outras entrevistas, porém, são retiradas de outras pesquisas, isto é, feita por outras pessoas. Para Phelippe Joutard em um trabalho que se utilize de maneira predominante de história oral é preciso que o próprio historiador faça a pesquisa no sentido de ir a campo e entrevistar os indivíduos. Porém,

A partir do momento em que cada um explicita claramente seus pressupostos, seus objetivos e seu método, sem que ninguém esteja convencido de que o seu é o único método que chega à verdade, será possível um diálogo e poder-se-ão utilizar os documentos recolhidos por outrem. (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.38)

Para ele, o cruzamento de pesquisas orais das mais diversas proveniências é algo benéfico para a história.

Alistair Thomson (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000), aprofunda a questão das entrevistas no que diz respeito a relação entre entrevistador e entrevistado. A partir das criticas de cientistas sociais positivistas e dos historiadores documentalistas tradicionais, procurou-se estabelecer uma modelo científico de entrevista e pesquisa onde:

(...) o entrevistador deveria usar um questionário consistente e cuidadosamente estruturado de modo a facilitar a análise comparativa; ele, ou ela, deveria controlar o enfoque e o fluxo da entrevista, mantendo, porém, uma presença neutra e objetiva, evitando, assim, afetar adversamente as histórias contadas; deveria conduzir entrevistas individualmente e fazer o mínimo de interrupções possível. (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.48)

Para esse grupo de cientistas sociais e historiadores documentalistas a entrevista deveria obedecer rigorosamente um questionário previamente preparado, o pesquisador deveria manter-se neutro e objetivo. Esse método proposto para a realização de entrevistas causou divisões entre os historiadores que trabalhavam com fontes orais, alguns defendiam uma entrevista mais dinâmica, se adequando a cada pessoa entrevistada, enquanto outros concordavam com o modelo de entrevistas proposto pelos positivistas e tradicionalistas. Alistair Thomson mostra algumas idéias que se opõe ao modelo acima referido, para ele:

não existe uma única ‘maneira certa’ de entrevistar, e a maneira que o ‘bom senso’ indica como ‘certa’ para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais.(FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.48).

Cada entrevista tem sua peculiaridade, o pesquisador precisa buscar conhecer melhor o entrevistado e a partir dessa identificação desenvolver a entrevista. É evidente que seja necessária uma preparação no sentido de procurar conhecer o entrevistado, como já foi citado, até mesmo preestabelecer algumas questões, mas que estas questões preestabelecidas sirva de “ponta pé inicial” para o desenrolar da conversa, e assim seja possível capturar informações que não foram pensadas pelo entrevistador nem estavam contempladas em suas questões. A entrevista não precisa está “engessada” em um questionário inflexível.

“Em alguns contextos, uma identificação como membro do grupo (*insider*) pode ser pré-requisito para uma entrevista bem-sucedida (FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI orgs.,2000, p.49)”. No que diz respeito a essa relação entre a identificação do entrevistador como “membro do grupo” e uma entrevista bem sucedida; podemos exemplificar com a experiência vivida no projeto Raízes – que também contribuiu na construção desse trabalho – onde procurou-se, através de entrevista documentar as origens religiosas da cidade de Belém, não só católica como também protestante. Quando o grupo de estudantes e professores chegaram a casa do idoso considerado o protestante mais antigo da cidade; a primeira atitude deste foi identificar entre o grupo alguém que também fosse protestante e esse identificação possibilitou o bom êxito da entrevista.

O historiador que se utiliza de fontes orais a partir de entrevistas precisam estar atentos a cultura e as circunstâncias relativas ao entrevistado e perceber qual a melhor pratica para desenvolver a entrevista.

Junior Miranda, em suas pesquisas, reuniu muitas informações acerca da cidade de Belém baseada principalmente em entrevistas com moradores idosos que guardam em suas memórias as origens do município. Em suas anotações considera a Igreja da Conceição - não como se encontra hoje, mas desde que era uma capelinha, ao lado do prédio atual, com a frente para o leste - como o marco zero da fundação da cidade de Belém. Foi organização religiosa somada ao tráfego de tropeiros, que resultou em um pequeno aglomerado suburbano que mais tarde viria a se tornar a cidade de Belém.

A Igreja da Conceição faz parte da origem e desenvolvimento da cidade na medida em que esta se desenvolve em torno dela; fato esse que pode ser ilustrado na fala da Sr^a Francisca Xavier dos Santos (Dona Francisquinha):

Tudo era na rua da conceição [atual Flavio Ribeiro]. Tinha a loja de Zé Mouzinho, Zé Brasilino. Tinha a Casa de Manoel pedrosa, que vendia doce. Tinha a de Seu Aprígio. Tudo era lojinha. Uma lojinha de Tecido. Tinha a farmácia de seu Miguel Faustino. Tudo era lá, naquela ruazinha. (Entrevista realizada por Junior Miranda com a Sr^a Francisca Xavier dos Santos, 2008)

Mais do que os nome de pessoas desconhecidas pela geração atual é importante observarmos o desenvolvimento do comercial no então povoado no entorno da Igreja da Conceição. Essa informação é confirmada pelo depoimento da Sr^a Bernadete Costa que traz ainda outros elementos, além do comércio, relativo à cidade de Belém que se desenvolve em torno da Igreja. Aos 68 anos de idade chegando ao povoado aos sete ela relata que:

(...) tinha essa rua aqui [Flavio Ribeiro] que se chamava rua do comercio. E ali perto do cemitério, onde é casa de Galego do Queijo, aquele pedaço de rua era um cemitério. (...) E essa rua Deocleciano Guedes era a rua da emprese, porque ali tinha o motorzinho da luz.(...) Essa rua que desce ai , a rua que tinha um cabaré a rua Dávila Lins. Era uma rua famosa.(...) (Entrevista realizada por Junior Miranda com a Sr Bernadete Costa Santos, 2008)

Todas as ruas citadas no depoimento são próximas a Igreja e era nelas onde se localizavam elementos muito importantes para o povoado, como o caso da Rua Deocleciano Guedes onde se localizava o motor que gerava eletricidade para iluminar o povoado; o cemitério e o prostíbulo. A casa onde se localizava o dito cabaré ficava a poucos metros da igreja.

O destaque a presença do cabaré na cidade de Belém, mais especificamente nas proximidades da igreja, gostaríamos de evidenciar o cabaré como um indicativo de “aglomeração de homens”; a existência de um prostíbulo aponta a presença de um considerável número populacional que se utilizava de seus serviços. Apesar de que na cidade de Belém a presença do cabaré próximo a igreja contrariou muitas autoridades religiosas.

Sem dúvida, a arquitetura da Igreja Nossa Senhora da Conceição, é um elemento determinante para fazer desta um patrimônio histórico cultural do município de Belém. Algumas especulações leigas têm sido feitas com relação a sua arquitetura, uma teoria defende que a Igreja tenha uma arquitetura Barroca outra que ela seja Renascentista. A arquitetura da Igreja, apesar de já ter sido definida como esses dois estilos artísticos, nunca foi realizado um estudo minucioso que demonstrassem elementos que a caracterizam como tais. Por esse motivo, iremos fazer uma das primeiras tentativas de realizar um estudo relativamente mais minucioso com relação a arquitetura da referida Igreja e tentar defini-la, evidenciando os elementos que a caracterizam como determinado tipo de arquitetura.

A partir da data do início da sua construção, o ano de 1910, é um forte indicio para que possamos defini-la como Neoclássico, modelo artístico predominante na época; pode acontecer de existir uma igreja neoclássica com elementos barrocos ou renascentistas, porém não podem ser determinadas como tais.

O neoclássico é uma tendência estética que predominou nas últimas décadas do século XVIII e nas três primeiras décadas do século XIX. Graça Proença, em “História da Arte”, expõe a proposta que o estilo artístico também conhecido por academicismo trazia:

(...) expressou os valores próprios de uma nova e fortalecida burguesia, que assumiu a direção da sociedade europeia após a Revolução Francesa e principalmente com o império de Napoleão.

Esse estilo chamou-se Neoclássico porque retomou os princípios da arte da Antiguidade greco-romana. A outra denominação – academicismo – deve-se ao fato de que as concepções do mundo greco-romano tornaram-se os conceitos básicos para o ensino das artes nas academias mantidas pelos governos europeus. (PROENÇA, 2001, p.122)

Como observamos o estilo artístico Neoclássico apresenta elementos das chamadas civilizações clássicas ocidentais, isto é, grega e romana, e na arquitetura não vai ser diferente tanto nas edificações civis como nas religiosas. Com o intuito de comprovar nossa tese de que a Igreja Nossa Senhora da Conceição da cidade de Belém tem de fato

uma arquitetura neoclássica, iremos identificar os elementos que a caracterizam, como também outros elementos curiosos, apesar da retomada de elementos clássicos ela não deixa de evidenciar elementos modernos.

Iniciemos pela parte externa do templo. Com relação as suas dimensões podemos afirmar que ela segue o modelo da cruz latina, nesse aspecto, as igrejas seguem dois modelos: a cruz grega, quando sua área remete a um quadrado; e a cruz latina, quando sua área é mais retangular, lembrando a cruz que cristo foi crucificado. A Parte externa da Igreja tem uma presença considerável da chamada falsa arquitetura, isto é, a arquitetura que não tem funcionalidade prática, servindo apenas como adorno; apresenta seis falsas colunas na frente e quatro nos lados; possui três portas frontais e três laterais, ambas com arcos e falsos vitrais. Conforme Foto 1:

Foto 1: Frente da Igreja



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

Na porta central buscou-se fazer uma arquitetura mais elaborada para dar um destaque à entrada; foram colocadas duas colunas de ordem Jônica (As colunas dos templos são construídas como uma representação da anatomia do homem, sendo assim o capital é a cabeça, ou seja, fica no topo da coluna, o corpo da coluna é conhecido como fuste e o pé da coluna é chamado de base; dando a idéia de que o homem é quem sustenta aquele templo. O capitel é o elemento que define o tipo da coluna, seja ela dórica, jônica, coríntia, ou

qualquer outro tipo.) tendo como capitel uma flor de lótus, elemento egípcio que mais tarde viria a ser integrado à cultura grega e romana. Conforme foto 2:

Foto 2: Detalhe da porta Central



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

Podemos perceber ainda na fachada três frontões, dois laterais e uma acima da porta central; o frontão nada mais é do que um espaço triangular que, na arquitetura grega, resultava da inclinação dos telhados dos templos, esse espaço era intensamente ornamentado com esculturas, no caso da Igreja de Nossa senhora da Conceição, esses não foram bem aproveitados, sendo esculpido apenas um efeito de “muro”.

No seu interior, no altar, está exposta a imagem da Santa que nomeia a Igreja, esta imagem é feita de madeira entalhada e remete bastante ao barroco, por seu colorido e detalhes dourados, ela está na igreja desde tempos imemoriáveis. Conforme foto 3:

Foto 3: Imagem de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

Na entrada para o altar encontra-se um grande arco sustentado por duas colunas funcionais com capitéis de ordem coríntia; na arquitetura grega esse tipo de capitel era utilizado no lugar do capitel jônico, como um modo de variar e enriquecer aquela ordem. Conforme foto 4:

Foto 4: Altar



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

Na as extremidades da parte central do templo, encontram-se quatro falsas colunas e entre estas, três colunas funcionais de ordem Jônica, de cada lado, que sustentam o telhado. Conforme Foto 5.

Foto 5: Colunas laterais da parte central



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

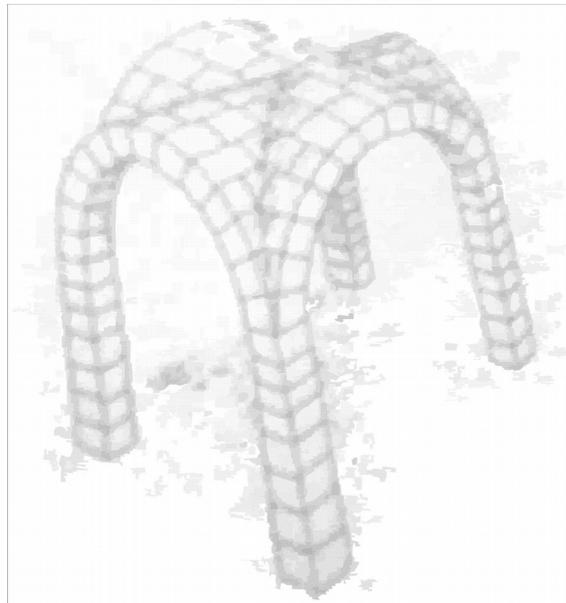
Existe ainda no interior um detalhe bastante curioso: apenas os arcos são ornamentados com folhagens esculpidas, geralmente esse tipo de ornamento encontra-se na parte externa sendo repetida no seu interior. No caso das igrejas, é muito comum o uso do ornamento – folhagens, flores – eles são usados para que a imagem de um santo não se sobressai com relação a outro, os ornamentos são encontrados em todas as sociedades; Pérsia, Índia, China, Grécia, Roma, etc. A torre, onde se encontram o relógio e o sino, é sustentada por um elemento arquitetônico chamado abóbada de arestas “que consiste na intersecção, em ângulo reto, de duas abóbadas de berço apoiada sobre pilares (...). A *abóbada de berço* era mais simples e consistia num semicírculo – chamada arco pleno – ampliado lateralmente pelas paredes.” (PROENÇA, 2001, p. 57); a arquitetura românica com esse tipo de elemento conseguiu uma maior leveza, evitando desabamentos, como também uma maior iluminação interna. Conforme fotos 6 e 7.

Foto 6: Abóbada de aresta



Fonte: Jose Mario Amarante Martins

Foto 7: Abóbada de aresta



Fonte: PROENÇA, 2001, p. 57.

Ao longo do tempo o templo sofreu algumas reformas; apesar de não ser encontrados cortes nas paredes que mostrem quando começou e quando terminou a reforma, – fato este que dificulta o trabalho de futuros restauradores – na lateral esquerda da Igreja, na parte externa, podemos perceber uma porta tapada, que seria uma possível entrada para as sacristias que ficavam por trás do altar. Como o altar fora deslocado mais para o fundo da Igreja, com o objetivo de ampliar o local de celebrações, a porta foi tapada com tijolos restando apenas seu relevo. Provavelmente, o fato de a Igreja ter sido construída numa época em que não existia eletricidade no município, necessitava de uma maneira de ser iluminada naturalmente, além das portas de entradas frontais e laterais, foram colocadas janelas com uma espécie de persianas que possibilitam a entrada de luz.

Apesar de sua arquitetura rebuscada, o que faz com que a Igreja Nossa Senhora da Conceição seja considerada um patrimônio histórico cultural da cidade de Belém, vai além desse fato. Para que um monumento seja considerado um patrimônio, ele deve ultrapassar sua função material, ele deve despertar naqueles que o possui um sentimento que o torna importante;

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade. A literatura etnográfica está repleta de exemplos de cultura, nas quais os bens materiais não são classificados como objetos separados dos seus proprietários. Esses bens, por sua vez, nem sempre têm atributos estritamente utilitários. Em muitos casos, servem a propósitos práticos, mas carregam, ao mesmo tempo, significados mágicos, religiosos e sociais (...). Tais bens são, simultaneamente, de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica e fisiológica. (ABREU e CHAGAS orgs. 2009, p.27)

Dentre as muitas qualificações de patrimônio, atualmente construiu-se o de patrimônio imaterial ou intangível, este diz respeito a aspectos da vida social e cultural, dificilmente abrangidos pelas concepções tradicionais; a ênfase recai nos aspectos de ideais e valores das diversas formas de vida. A construção da categoria de patrimônio intangível, estudando elementos religiosos, por exemplo, é muito importante na medida em que certos elementos sociais totalizam uma espiritualidade; monumentos, costumes, culinária etc., em muitos casos são a materialização de costumes religiosos. Para a modernidade, espiritualidade e materialidade são independentes uns dos outros, mas para os nativos de determinada cultura estão muito relacionados; o objeto patrimonial, em muitos casos, tem duplo significado: material e sagrado. O advento da categoria de intangibilidade afasta o estudo do patrimônio da análise de objetos materiais e técnicos se voltando para as relações sociais e simbólicas, relações essas que formam as pessoas. (ABREU e CHAGAS orgs.)

Originalmente o patrimônio tinha um sentido de bem material individual; com a Revolução Francesa esse conceito passa do individual para o coletivo associado a um sentimento nacional, porém tendeu a ser absorvido como uma herança artística e monumental. Desenvolveram-se, então, formas de proteção ao patrimônio nacional. O pensamento moderno Ocidental concebia o patrimônio coletivo não só um bem nacional, mas um bem da humanidade; até os primeiros anos do século XX com a noção de um bem histórico e artístico. (ABREU e CHAGAS orgs. 2009)

No contexto revolução francesa, em meio aos conflitos, muitos revolucionários queriam destruir obras de arte, castelos, objetos pertencentes a nobreza e templos que recordavam o poder do clero; alguns intelectuais da época discordavam dessa atitude de

deprecação e argumentavam que aqueles monumentos contavam também a história do povo Frances, camponeses, comerciantes e dos pobres (Brayner, 2007).

“O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo” (Brayner, 2007, p. 12). Não se trata apenas de bens materiais, mas de tudo que é considerado valioso por um grupo de pessoas; o que elege algo como patrimônio cultural é aquilo que as pessoas consideram mais importantes que represente sua identidade e sua cultura. Ainda discutindo a respeito do que nomeia algo como patrimônio cultural, Brayner escreve:

Independentemente dos mais diversos significados que possam ser atribuídos a uma manifestação ou bem cultural, considera-se patrimônio aquele que é reconhecido pelo grupo social como referência de sua cultura, de sua história, algo que está presente na memória das pessoas do lugar e que faz parte do seu cotidiano.

Nem sempre toda a comunidade está de acordo com a escolha feita sobre aquilo que será declarado patrimônio.

Como já foi dito, para algumas pessoas, ou coletividades, algumas coisas são mais importantes do que para outras. (Brayner, 2007, p.15 e 16)

No caso da Igreja da Conceição, não podemos esperar que a população belenense de maneira integral a reconheça como patrimônio cultural. Não podemos esperar, por exemplo, que os protestantes atribua tanto valor a mesma quanto a comunidade católica; não por preconceito, mas por uma falta de educação patrimonial da população como um todo, a Igreja termina assim sendo valorizada apenas por aqueles que possuem um vínculo religioso com a mesma. O valor dado a Igreja enquanto patrimônio pode variar de intensidade até mesmo entre os católicos, sem dúvida a igreja representa muito mais para aqueles que sempre estiveram envolvidos desde a infância e juventude em suas atividades e festividades, do que para católicos “jovens” envolvidos em comunidades católicas mais recentes do município.

Encontramos na obra **História e Memória** de Jaques Le Goff o conceito de memória coletiva, que também se faz pertinente sua discussão no presente trabalho:

Nadel distingue, a propósito dos Nupe da Nigéria, dois tipos de história: por um lado, a história a que chama "objetiva" e que é "a série dos fatos que nós, investigadores, descrevemos e estabelecemos com base em certos critérios "objetivos" universais no que z respeito às suas relações e sucessão" [1942, ed. 1969, p. 721 e, por outro lado, a história a que chama "ideológica" e "que descreve e ordena esses fatos de acordo com certas tradições estabelecidas" [ibid.]. Esta segunda história é a memória coletiva, que tende a confundir a história e o mito. (LE GOFF, 1990, p. 424)

Baseados nesse conceito e nos depoimentos colhidos, que na realidade são lembranças, memórias dos moradores, podemos afirmar que a memória coletiva da cidade de Belém é também ordenada pelos ritos, celebrações, comemorações e atividades religiosas da Igreja da Conceição. E a Igreja é o monumento em torno da qual essas tradições se realizam.

Para Maurice Halbwachs as lembranças (memórias) mesmo que sejam individuais, isto é, lembranças que se tratam de acontecimento onde a pessoa estava sozinha que apenas ela testemunhou, mesmo assim, essas memórias continuam sendo coletivas. “E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.” (HALBWACHS, p. 26, 2006). Os depoimentos das memórias apresentadas nesse trabalho mesmo se tratando de um grupo reduzido, diz respeito à comunidade como um todo; da mesma forma, a Igreja faz parte das memórias não só daqueles que sempre estiveram envolvidos em suas atividades, mas da população como um todo.

Independente do bem ser considerado valioso de maneira unânime ou parcial pela sociedade, não deixa de ser patrimônio cultural. Patrimônio que precisa ser preservado;

A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território (Brayner 2007, p.12).

Para Natália Guerra Brayner o primeiro passo para a preservação de um patrimônio e conhecê-lo. Uma das vias para tornar o patrimônio conhecido é a documentação, ao documentar a história da Igreja da Conceição espera-se que ela se torne mais conhecida acerca de sua importância enquanto um bem que fez parte das origens do município e conseqüentemente desperte nas pessoas o compromisso de preservar o patrimônio da cidade. O patrimônio cultural documentado pode ser também usado como fonte de pesquisa, como referência do passado que possibilite a compreensão de quem somos hoje.

A partir da entrevista realizada no ano de 2007 por alunos do 2º ano do ensino médio, acompanhado pelos professores Cristian Dantas, Valdemir Alves e Aparecida Palmeira da escola E. E. E. F. M. Eng^a. Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, aos moradores Osvany Sales (tabelião da cidade), Lene Maria (diretora da referida escola na época) e a senhora Josefa Azevedo; podemos perceber que tipo de sentimento as pessoas

desenvolveram em torno desse monumento histórico da cidade. Foram entrevistados estes moradores antigos, que podem ser considerados os guardiões da história da cidade.

Ao ser questionada a respeito da importância da Igreja para o município, uma dessas moradoras responde: “ – Eu acredito como católica que seja a fé, (...) se agente não tem fé nada vale (...). Eu acredito que seja a fé que nós temos na Igreja”. O monumento físico, de pedras, tijolos e barro, é promovido e passa a ter um valor religioso, relacionada a uma devoção e a fé da comunidade católica belenense; passa a ser representação da fé. Para essa moradora, como ela mesma coloca, de nada valeria aquele monumento com uma arquitetura rebuscada se não existisse essa devoção do povo, esse sentimento religioso que transcende o material.

Em outro depoimento vamos perceber que esse mesmo patrimônio material se amplia mais ainda, despertando, desta vez, um sentimento de cunho social. Após concluídas todas as perguntas, os alunos perguntam aos entrevistados se existe mais alguma história interessante a respeito da igreja; nesse momento um deles relata o quanto esta, e seu entorno (Rua Flavio Ribeiro), fizeram parte de sua vida, não só religiosa como também social. Ela relata que nasceu e viveu toda a sua infância e adolescência na referida rua próxima a Igreja, onde foi batizada, casou e batizou seu primeiro filho; foi garçõete da festa da padroeira, que junto com o Natal foram por muito tempo as principais festas da cidade de Belém. Um detalhe curioso é que ser garçõete da Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, era símbolo de status social, existia toda uma cerimônia onde elas desfilavam com roupas padronizadas ao som de uma banda de música que também desfilava pelas ruas. Então, como já havíamos citado, a cidade de Belém cresce no entorno dessa Igreja, fazendo com que uma grande quantidade de pessoas crie fortes vínculos sociais e religiosos com a mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua importância, pelo fato de ser um dos poucos trabalhos voltados para a um patrimônio cultural da cidade de Belém, se desviando da maioria das pesquisas de cunho político e educacional; esse trabalho não pretendeu estabelecer teorias definitivas para nenhum dos elementos apresentados, mas sim documentar o que está na memória das pessoas e iniciar um estudo que possa ser criticado na posteridade; em busca, justamente, de uma história mais crítica para cidade de Belém que, por muito tempo, tem se resumido a simples documentação de fatos importantes e de grandes nomes. É necessário enxergar a

história de Belém de baixo, da visão de pessoas que realmente construíram a cidade e construíram uma cultura.

CONCEPTION CHURCH OF OUR LADY HERITAGE HISTORIC BELÉM-PB (1871 - 1989)

SUMMARY

For the realization of this Article, about the Church of Our Lady of Conception, use oral history as a primary historical source, this work is an attempt to document the history of cultural heritage (the Church of the Conception), elucidating its relationship to development city preventing the story of its origin and consequently the Bethlehem municipality of origin to be forgotten. We work with oral sources and the importance of documenting the heritage supported by Alistair Thomson, Phelippe Joutard, Paul Thompson. We chose a time frame, between the years of 1871, date of the gift of village land for the church and the year 1989, the year of construction of a new church (Holy Family) where happens decentralization of religious activities of the Church Conception. We trace a small church history; as was the process of its construction and the main agents involved in the erection of the temple. This article is also one of the first works to do a more detailed study on church architecture, analyzing elements that characterize the artistic style Neoclassical; for that we will support us in the work History of Proenca Grace Art. Finally, it demonstrated that what makes this temple is considered a historical and cultural heritage goes beyond its physical structure and its elaborate architecture; in this respect we stress the contribution of Natalia Brayner, Abreu and Chagas (2009)

Keywords: History, Architecture, Religion and Heritage

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT - **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Rio de Janeiro, 2004.

ABREU, Regina / Chagas, Mario (orgs). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio Janeiro: Lamparina, 2009.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. FERNANDES, Tania Maria. ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MIRANDA, Junior. **Breve histórico sobre a Igreja Nossa Senhora da Conceição. Boletim informativo O mensageiro**. Ano I – Edição II. Belém/PB, Maio de 2011

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2001.

TOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES:

SANTOS, Francisca Xavier dos. **Dona Francisquinha**: Dezembro de 2008. Entrevistador: Junior Miranda. Belém, 2008.

SANTOS, Bernadete Costa. **Dona Bernadete**: Dezembro de 2008. Entrevistador: Junior Miranda. Belém, 2008.